

Biblioteca Anarquista



A diferença entre Anarquia e Academia

Peter Gelderloos

Peter Gelderloos
A diferença entre Anarquia e Academia
2009

rebeldealegre.blogspot.com

Titulo Original: *La Diferencia entre la Anarquía y la Academia.*

Tradução e Revisão por André Tunes @**Consciência Subversiva**

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

2009

Recentemente tive a oportunidade de participar da conferência acadêmica internacional *“Hierarquia e Poder na História das Civilizações”*, organizada pela Academia Russa de Ciências, em Moscou. Eu estava em dois painéis focados em construir alternativas à hierarquia e ao estado atual de repressão dos movimentos sociais. Eu acho isso engraçado porque eu sou um desertor universitário: eu nem terminei três semestres da universidade, em geral eu não gosto da academia, e acho que a academia é uma das instituições do poder que deve ser abolida. De mais de cem participantes, acho que fui um dos dois únicos que não possuíam PhD nem era candidato a um PhD (e o outro não intelectual estava nos mesmos painéis que eu) e o único sem diploma universitário. Teria sido engraçado e valeria a pena para mim ter me infiltrado lá – na verdade, os currículos universitários são fáceis de forjar, então os radicais que querem ser professores não precisam perder cinco anos de suas vidas para conseguir os documentos de verdade. Mas nesse caso fui convidado pelos organizadores do painel, que também tiveram suas críticas à academia e queriam montar painéis sem uma distância teórica tão grande da realidade dos movimentos sociais e da repressão.

Se eu fosse antropólogo, poderia escrever tanta etnologia sobre essa estranha tribo de acadêmicos. Mas do meu ponto de vista, como anarquista, posso dizer ainda mais. Seria tão fácil apontar como dogma que a academia é uma das instituições do poder, portanto é nosso inimigo, e não há mais nada a ser dito. Isso também obscureceria as realidades mais complicadas e úteis. As universidades também têm sido uma área (ou devo dizer “centro nervoso”?) Para rebelião e movimentos sociais. Meus amigos russos me disseram que o movimento anarquista ressurgiu em grande parte do Departamento de História na década de 80 e seu último bastião foi o Museu Casa de Kropotkin, finalmente fechado em 1931. Entre as rebeliões, as universidades fornecem muita comida grátis, cópias gratuitas, financiamento, mídia, espaços e emprego.

Os vínculos universitários podem mitigar a repressão do Estado e conferir legitimidade aos rebeldes que se fazem passar, pelo menos temporariamente, como dissidentes. Não é coincidência que as fraudes para obter recursos sejam tão fáceis nas universidades. A universidade tenta ser um espaço relativamente liberado no âmbito da dominação. Pessoalmente conheço vários acadêmicos que são sinceros anti-autoritários e que me ensinaram muito. E eu conheço algumas pessoas que são justamente anarquistas e que, por acaso, têm empregos dentro da academia. Não

consigo pensar em nenhuma outra instituição de elite com tantas pessoas boas e que elas não esqueçam questões sociais quando vão trabalhar, mas as tratam diretamente.

Mas quando a anarquia e a academia se cruzam, eu sempre me pergunto: essas pessoas são anarquistas acadêmicos ou acadêmicos anarquistas? Howard Ehrlich, Noam Chomsky, Michael Albert, David Graeber, Bell Hooks (não um anarquista, mas teoricamente relevante para muitos anarquistas), e Piotr Kropotkin disse ou fez todas as coisas que considero extremamente inocentes e prejudiciais, de maneiras que refletem diretamente seu relacionamento privilegiado com a autoridade como membros de uma instituição de elite. Mas quem poderia negar suas contribuições para o movimento? Bem, os anarquistas podem negar qualquer coisa, mas a maioria de nós encontra coisas que valem a pena no trabalho de, pelo menos, alguns desses estudiosos. E sem eles, o movimento teria apenas pessoas que pesquisam, como John Zerzan (ou eu, por exemplo). E a pesquisa é uma grande área onde a academia pode ser útil para os anarquistas. Eles nos encurralam quando se trata de pesquisa e debate crítico.

Os anarquistas são preguiçosos para pesquisa. Muitos preferem a religião à pesquisa. Afirmações objetivas e objetivamente falsas, que são de grande importância para a teoria anarquista, circulam livremente em nossos círculos. Algumas das premissas básicas dos ramos primitivistas, veganos e materialista histórico do anarquismo teriam sido abandonadas há muito tempo se tivéssemos uma cultura séria de pesquisa e debate. Em vez disso, temos insultos por fóruns na internet. Acho que poderíamos ter feito algum progresso no eterno debate sobre a natureza do poder formal e informal e o grau em que cada um permite que as hierarquias sejam estabelecidas ou desafiadas. Mas infelizmente, em nossos círculos, qualquer suposição é válida.

Em Moscou, aprendi sobre o projeto *Early State*, uma rede de cientistas sociais que estuda o surgimento e a evolução do Estado. Por que os anarquistas não sabem sobre essa investigação? Por que não permanecemos em nossos próprios círculos e em nossa própria bibliografia, quando procuramos novas informações? E por que não tentamos intervir e influenciar mais nos debates acadêmicos? Um conhecido meu contou a interessante história de uma conversa que ele tinha com um deprimido cientista do clima. O cientista não viu saída para o desastre apresentado pela mudança climática. Ele lamentou a falta de qualquer rede global de pessoas

ativas com uma visão de uma sociedade descentralizada e não industrial, e descreveu algo muito semelhante ao movimento anarquista, sem saber que ele já existia. O fato de que praticamente nenhum cientista climático está envolvido em ação direta e lutando ao lado do movimento (e eles são um grupo de pessoas muito desesperadas) é uma evidência de nossa incapacidade de nos comunicar com um grupo chave de potenciais aliados, bem como evidência de um fracasso dos acadêmicos em entender seu papel no sistema, sobre o qual falarei mais tarde.

Permitam-me interpor que não pretendo retratar a pesquisa acadêmica como algo incondicionalmente válido. Como todos, os acadêmicos têm sua própria mitologia. Talvez a parte mais odiosa possa ser encontrada em seu próprio conto de criação, e é a parte sobre a qual você não tem uma mitologia. A maioria dos mitos individuais diferem de uma disciplina para outra, mas ouvi, da boca de professores respeitados em seus campos, afirmações tão carregadas como: “*O propósito dos organismos é perpetuar o DNA*” (ver, uma cadeia de ácido pode ter uma agência? Algo que você afirma ser apenas uma coleção de proteínas tem um propósito? E qual é o seu propósito em reverter a cadeia de valor tradicional para que a vida se torne simplesmente um instrumento redundante? E por que você tem essa faca na mão e onde está meu rato de estimação?); ou: “*é inútil rastrear a resistência indígena há mais de 30 anos*” (oh, então a construção da identidade significa que, por um lado, dado que o indivíduo constrói sua própria identidade no curso de sua vida, não há validade maior nessas identidades, daí a frase “*quinhentos anos de resistência*” é apenas um slogan político sem mais peso do que, digamos, “*despejar os índios*”, e por outro lado sua teoria lhe dá autoridade para interpretar a identidade de outro, e é apenas coincidência que as pessoas em seu lugar há quinhentos anos tivessem exatamente a mesma autoridade). É claro que nem todos os acadêmicos são crentes, mas a clara maioria é.

Os acadêmicos podem ser um lote realmente arrogante que se opõe a que estranhos entrem em seu território. Lembro-me de uma discussão que surgiu há algumas semanas, quando uma acadêmica anarquista me acusou de “romantizar” as sociedades não-ocidentais. Ela não podia apoiar tal acusação, e na verdade tudo o que fiz foi nomear algumas sociedades nas quais o ideal para resolução de conflitos era baseado em intervenção generalizada em vez de arbitragem especializada, o que não é uma declaração qualitativa, portanto, não havia espaço simplesmente para o romantismo, a menos que eu tivesse dito algo como “e todos pensam que ...” ou “... e

mados em primeiro lugar, eles oferecem análises sobre como estabelecer o controle do estatal em situações de Estados “fracassados” ou “fracos”, por exemplo, na Somália, onde os governos dos EUA e Etiópia estão lutando contra piratas, tribos e terroristas, muitos dos quais são em grande parte organizados horizontalmente.

Entre essas abordagens variadas, que estudos você acha que vai encontrar financiamento do governo? Quais serão repetidos e expandidos, e eles encontrarão um caminho para o desenvolvimento de políticas e estratégias governamentais? É por isso que a aparente independência da academia é tão indispensável. Os dissidentes ajustarão a máquina.

Esse resultado irônico aponta talvez para a mais importante distinção entre acadêmicos e anarquistas. Os acadêmicos colocam tudo em termos de discurso. Seu clamor fundamental pela neutralidade é que eles estão simplesmente tentando falar sobre essas coisas, estudá-las e não ser atores. Em seu modo mais ativo, eles farão recomendações de políticas (voltadas para aqueles que criam políticas, isto é, a elite) e, portanto, sua preferência pelo discurso indica sua passividade leal como técnicos em uma instituição dominante. Para o final mais absurdo, coisas que são ações muito claras são referidas como “parte da bibliografia.”

Os anarquistas, por outro lado, falam sobre as coisas em termos de ação. Até a fala, em sua forma ideal, é uma ação, porque seu propósito é criar mudanças. Em nossos momentos mais absurdos, nos referimos a protestos puramente simbólicos como “ação direta.” Com esta linguagem queremos dizer que estamos em guerra com o sistema e que realmente queremos fazer algo sobre isso, nos capacitamos em vez de nos tornarmos observadores invisíveis.

Esta é a nossa força, e apesar de qualquer incursão na academia que alguns anarquistas decidam fazer, é a única coisa que não devemos perder. E é isso, essa ênfase na ação, que devemos pressionar para adotar aqueles acadêmicos que se consideram antiautoritários.

funciona perfeitamente!”, o que eu não fiz. Na verdade, ela se opunha à minha intromissão, porque as sociedades não-ocidentais supostamente são propriedades intelectual dos antropólogos, ao mesmo tempo em que suas plantas tradicionais são patenteadas e suas religiões são vandalizadas e colocadas no mercado para os hippies.

Mas, em outras circunstâncias, os acadêmicos vão voluntariamente sair de seus altos equinos e ouvir os anarquistas, já que somos obviamente melhores que eles de muitas maneiras. Em Moscou, vários professores compareceram aos painéis anarquistas e disseram aos organizadores que quase foram levados às lágrimas quando ouviram pessoas falando com paixão e inteligência sobre suas experiências, em vez de deturpar como os especialistas esnobes que protegem suas terras. E nós tivemos essa reação simpática, mesmo que a maioria de nós não estivesse bem vestida e muitas vezes falamos francamente sobre a necessidade de queimar carros da polícia ou tirar pessoas da cadeia (Você sabe, aquelas coisas que os anarquistas devem não mencionar às pessoas normais por medo de aliená-las).

Ocasionalmente, mergulhar nossos pés na academia pode nos fornecer informações teoricamente úteis e estimulantes produzidas por pessoas sem absolutamente nenhum interesse em confirmar nossa visão de mundo. Pode também nos fazer ganhar aliados que possam trazer maior legitimidade social ao nosso movimento e novas conexões, novas possibilidades de comunicação, e nem sequer temos que agir como se não quiséssemos abolir-los. No texto que enviei a esta conferência, afirmei abertamente que o discurso acadêmico só pode contribuir para as injustiças do sistema judicial e que a academia precisa ser abolida tanto quanto a prisão.

Se os anarquistas eventualmente fizerem maior uso da academia, devemos ter cuidado com vários perigos e manter conscientemente a diferença entre a anarquia e a academia. Nós não queremos ser como essas pessoas. Devemos sempre identificar e lutar junto com os membros mais explorados e excluídos da sociedade, e qualquer forma de respeito e legitimidade que desenvolvemos deve ser completamente diferente. Há honra entre os ladrões e preferimos esse tipo de honra ao de profissionais certificados. Imagine a hipocrisia, a cegueira, dos cientistas sociais que estudam “hierarquia e poder” e que se torna evidente em uma cena particular, o jantar de recepção no final da conferência. Cem senhoras e senhores em vestidos e fantasias caros, engolindo acepipes de um edifício vigiado pela segurança privada na capital de um país pobre, apenas esteticamente consciente da

dúzia de anarquistas em camisetas e jeans entre eles, alguns portando armas porque sua luta muito real contra a hierarquia os coloca em constante risco de ataque de fascistas, roubados casualmente, cobertos e enchendo sacos plásticos com delícias do banquete para alimentar-se nos dias seguintes. Lembro-me de uma conversa: um professor coquete mencionou o encantador hotel costeiro onde ficou durante uma conferência em Barcelona. Não pude deixar de interromper: “Ah, sim, costumava haver uma vila de pescadores antes que eles a destruíssem e construíssem a praia artificial. Era muito agradável.” Ele não entendeu a ironia. Deixe-me repetir: não queremos ser como essas pessoas.

Então, o que essa separação parcial significa para os anarquistas na academia? Eu não vejo hipocrisia nessa posição, apenas um conflito de interesses. “Você não é seu trabalho”, citou Brad Pitt. Eu era taxista e acho que os carros deveriam ser abolidos. Isso reflete apenas uma contradição da realidade capitalista: nós nos matamos para ganhar a vida.

Há muitas boas obras que os anarquistas podem fazer na academia. Trabalho teórico, comunicação direta com muitas pessoas fora dos nossos círculos e intervenção no discurso público. Como é o caso em todo trabalho anarquista, se eles fizerem bem este trabalho causará problemas. Eu acho que Ward Churchill e David Graeber, para citar dois exemplos, deveriam ser elogiados por não desistirem quando suas decisões políticas os colocam sob ameaça de perder seus empregos. A academia pode facilmente cooptar anti-autoritários bem-intencionados, mas passivos, transformando-os em meros dissidentes e autoridades. Como todos, os acadêmicos devem escolher lados¹. Reivindicar a neutralidade objetiva, enquanto nada é dito sobre sua posição de elite na sociedade, torna sua escolha muito clara.

Um sério perigo para e pelos cientistas sociais é a questão do estudo do movimento. Nosso lado narcisista pode se deliciar com estudos acadêmicos de anarquistas, mas esses estudos são uma ameaça. Sim, queremos uma crítica construtiva, mas digo que não devemos absolutamente querer ser legíveis para as autoridades, e as autoridades são o público final de toda a produção acadêmica. Assim como os antropólogos ajudam a CIA a controlar o Iraque e o Afeganistão, eles também podem fornecer informações que facilitem a infiltração e a repressão de nosso movimento. Nós não precisamos de profissionais que permitam nossa comunicação

¹ De um ponto de vista anarquista, escolher lados deve incluir a possibilidade de criar seu próprio lado. Se eu falo sobre escolher lados, não estou dizendo que alguém deve simplesmente respeitar, é apenas que é impossível ser neutro em um trem em movimento.

com outras pessoas. Eles só traduzirão para as autoridades. Precisamos construir nossas próprias redes e nos expandir além do gueto.

Enquanto isso, precisamos obstruir toda etnologia ou estudar seriamente nossas redes. Parece estranho, já que as redes são muito naturais para nós, mas as autoridades realmente não as entendem. Muitas de nossas vitórias táticas até agora são atribuíveis à sua ignorância do funcionamento das redes. Eles ainda estão tentando identificar nossos líderes e estruturas de financiamento! Uma vez que algum acadêmico astuto encontre uma maneira de traduzir as redes em termos processáveis por tecnocratas, o controle policial dos movimentos horizontais se tornará muito mais eficaz.

Por essa razão, com ironia e seriedade, chamo a excomunhão de todos os anarquistas acadêmicos que produzem não pelo movimento, mas pela academia. Se você estuda redes, encontrar maneiras **de nos** explicar como estendê-los efetivamente às pessoas atualmente conectadas ao sistema (ou algum outro assunto útil), não como analisar nossas redes de modo que elas possam ser entendidas por estranhos, por mais intelectualmente estimulante que essa tarefa possa ser.

Simplesmente produzir informação ajuda o sistema, mesmo que essa informação pareça ser revolucionária em suas implicações. Isso porque, nas sociedades democráticas, as pessoas são pacificadas e, embora estejam bem informadas, não terão obtido o que precisam para lutar. A informação não é o que é necessário. São as instituições de poder, e não as pessoas, que estão em condições de agir com base nessas informações, e até mesmo as informações críticas que vêm de acadêmicos dissidentes podem ajudar essas instituições a se corrigirem. O projeto *Early State* oferece um ótimo exemplo. Entre seus escritos, encontram-se muitos artigos que desaprovam completamente a mitologia em relação à criação do Estado – que surgiu por necessidade ou por meio de um contrato social. Eles deixam claro que o Estado é uma instituição coercitiva, portanto eles têm uma visão mais clara da real natureza da democracia do que quase todos os da esquerda. No entanto, esta informação não encontrará caminhos para a mente popular, porque o governo e os capitalistas controlam a infra-estrutura que molda a mente popular e os acadêmicos não estão envolvidos em nenhuma ação política para espalhar essa consciência diretamente para as pessoas. E há outra coisa: entre os escritos do *Early State* encontram-se inevitavelmente fragmentos humanitários que, aproveitando os novos conhecimentos sobre como os Estados foram for-